

Como se evitar a decomposição do País

A crise econômica brasileira, em estágio de aceleração com o crescimento do movimento grevista e suas nuances de violência política, faz o professor Hêlio Jaguaribe pensar na ascensão do fascismo italiano: "A ocupação das fábricas, as depredações nas ruas e o confronto aberto com a sociedade atapetaram o terreno para o ditador Benito Mussolini na década de 20".

Se o cientista político, escritor e decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (Iepes), do Rio de Janeiro, ainda não se sente alarmado com uma ruptura do quadro brasileiro do tamanho da italiana, ao menos ele lamenta que estamos em trabalho de parto. "Estamos a caminho da deterioração completa do Brasil."

Nessa direção sem retorno, a radicalização dos trabalhadores e a intransigência de camadas ideológicas mais à esquerda compara-se ao rastilho de pólvora. "Não tenho dúvidas — diz Jaguaribe — de que os polos opostos da sociedade sintam-se também atraídos, naturalmente, à radicalização." Mas o autor de **Brasil 2000 — Para um Novo Pacto Social** toma o cuidado necessário ao mostrar que os trabalhadores igualmente foram empurrados para o confronto.

No final da década de 50, segundo o cientista político, o Brasil vivia num Estado modelo perante os outros países do mesmo nível. Desde então, deixou de ser "moderno", com a máquina administrativa inchando e a produção caindo, o que é considerado o oposto do "Estado liberal" preconizado pelos militares. Com o advento da Nova República, continua o pensador, o governo, fraco, não soube administrar a relação entre partidos e o Estado, levando ao canibalismo fisiológico que nos assalta.

Em consequência, esses fatores deixaram, na sua opinião, a se-

guinte realidade: 65% da população vive do salário mínimo e 15% em estado de miséria absoluta; em 64, o trabalho representava 60% da renda, em 89 caiu para 40%. Como complicador, Hêlio Jaguaribe alinha a suscetibilidade do governo Sarney às pressões dos empresários, até porque não está aparelhado para checar a relação "custo X lucro", desfavorável na opinião desses setores.

Nessa toada, "sentamos sobre duas bombas de retalhamento": a de curto prazo, que é o risco da hiperinflação; a de longo prazo, a crise estrutural, que passa pelas "crises do Estado, de crescimento e da modernização". Somados, os aspectos negativos afunilam-se na crise social, repleta de aproveitadores, segundo Jaguaribe.

Para ele, em vésperas de eleições presidenciais os aproveitadores estão surgindo dos estratos mais baixos dos partidos políticos de esquerda, enquanto as cúpulas dos candidatos "não adotam propostas radicais". Nem por isso o autor do estudo sobre a realidade brasileira feito para o programa do senador Mário Covas (PSDB-SP), acredita que a sociedade civil referendará nas urnas, a despeito das pesquisas de opinião, as candidaturas de Brizola (PDT) e de Lula (PT). "O primeiro não tem capacidade para governar; o segundo pode até possuí-la, mas não tem respaldo político, acha Jaguaribe.

Mas, como advogado das reformas, o escritor vê soluções para o Brasil que, apesar de longo prazo, afastariam de imediato o risco de uma ruptura violenta da democracia, seja qual for sua cor. Ele começaria pela discussão do parlamentarismo, com a instalação do voto distrital misto. Viria depois um amplo debate sobre o "País que queremos para o ano 2000".